



CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

RUA PRINCESA ISABEL, 410 – BOA VISTA – RECIFE – PE – telex 1865 – fax 3301-1262 / f. 3301-1280 / 122
C.G.C. (MF) Nº. 08.903.189/0001-34 — INSCRIÇÃO ESTADUAL -- ISENTA – INSCRIÇÃO MUNICIPAL : ISENTA
GABINETE DO VEREADOR JURANDIR LIBERAL

REQUERIMENTO Nº

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR VEREADOR PRESIDENTE E DEMAIS MEMBROS
DA MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE.**

Requeremos à mesa, depois de ouvido o Plenário, obedecidas às normas regimentais, que seja inserido nos anais desta Casa, o inteiro teor do artigo “O Recife e a erosão marinha”, publicado no Jornal do Commercio, edição de 02 de fevereiro de 2010, de autoria do professor emérito da UFPE Jaime Gusmão Filho.

Do teor deste requerimento, dê-se ciência ao autor do artigo, Prof. Jaime Gusmão Filho (Avenida Agamenon Magalhães, 3341, sala 304, Empresarial Tacaruna, CEP: 52030-210. Torreão. Recife), ao presidente do Jornal do Commercio, João Carlos Paes Mendonça (Av. Antônio de Góes, 60 – 20º andar. Edifício Empresarial JCPM Trade Center. Pina. CEP: 51010-000. Recife.) e ao diretor de redação do Jornal do Commercio, jornalista Ivanildo Sampaio (R. da Fundação, 257. Santo Amaro. CEP: 50040-100. Recife).

Sala das sessões da Câmara Municipal do Recife, 02 de fevereiro de 2010

Jurandir Liberal

Vereador

O Recife e a erosão marinha

Publicado em 02.02.2010

Jaime Gusmão Filho

Na última conferência sobre o clima em Copenhague, divulgou-se uma previsão das maiores cidades do mundo com ainda pouco tempo para visitá-las, antes que desapareçam com a subida do mar, devido ao gelo derretido. Entre elas, está o Recife.

O Recife remonta ao início da colonização portuguesa no Brasil. Com a capital Olinda em terreno elevado, a saída para o mar ficava mais ao sul, um porto natural protegido das ondas do Atlântico por uma muralha de arrecifes. O desenvolvimento da cidade foi discreto até a invasão holandesa, quando uma nova cidade foi construída na primitiva ilha de Antônio Vaz.

Em pesquisa na universidade, estudamos o crescimento de sua área física com a chegada dos holandeses. Dois terços da área dos bairros do Bairro do Recife, Santo Antônio e Boa Vista cresceram ao longo de 275 anos, do início da colonização holandesa até o princípio do século passado. Ou seja, dois terços da área destes bairros foram tomados ao mar, aos rios e aos mangues. Para isto mobilizou cerca de cinco milhões de metros cúbicos de terra, carregando com três milhões de toneladas o subsolo compressível. Desde então, novas áreas foram aditadas àqueles bairros e a mais outros, por novos aterramentos do rio e dos mangues.

Algumas das consequências estão entre os atuais problemas da cidade. É a situação de risco geológico, podendo apresentar efeitos danosos, com perdas de vida e bens econômicos, além de prejuízo na qualidade de vida dentro do espaço urbano. O processo geodinâmico, associado ao avanço e retrocesso da linha de costa, resulta em inundação de largas áreas costeiras e de baixadas próximas ao mar. O assunto já foi discutido no 7º Congresso Brasileiro de Geologia de Engenharia, em 1992, quando nós participamos de mesa-redonda sobre riscos geológicos no Recife, com ênfase na erosão marinha.

Medições realizadas em seis localidades na costa do Brasil, durante o período de 20 anos (1950-1970), indicam uma tendência de elevação do mar entre 5 cm/século a 37 cm/século (Pirazolli, 1986). Apesar do curto prazo das observações, os resultados obtidos justificam que se comece a avaliar os impactos deste risco e o estabelecimento de uma política de gerenciamento costeiro no Brasil (Neves, 1991).

O litoral do Recife, por causa da situação anteriormente descrita - estuário de vários rios, áreas de baixada e vários canais de interligação - será fortemente impactado pela emergência do mar. Comparação entre ortofotocartas de 1975 e 1984 indica retrocesso em trechos da linha de praia, de alguns metros para até 25 metros (Neves et alii, 1991).

Esta situação é atribuída a várias razões. Redução de areia trazida pelos rios, com a construção de barragens e dragagem do porto. Construção de obras de engenharia de costa, a exemplo de portos, cais, marinas, prédios próximos à linha e enrocamentos diversos. Rochas no litoral, impedindo os sedimentos de serem movimentados do continente para a praia. Mineração de areia nos córregos, rios e canais da planície. E olhe que não se falou em subida do mar devido ao gelo derretido dos polos...

O Recife não está preparado para o cenário deste risco mais que provável. A pesquisa citada considerou a elevação de um metro no nível médio do mar, e obteve valores de 24 metros a 7 metros para o recuo da linha de costa nas Praias de Boa Viagem e Piedade, onde se concentra a população de maior renda e os terrenos mais valorizados. Maior ainda é a extensão da área inundável nas margens do estuário, lagoas e canais que se espalham pela planície, hoje predominantemente ocupadas pela população de baixa renda. O centro da cidade fica, também, ameaçado no seu sistema de drenagem.

É preciso que os órgãos governamentais reconheçam a importância de estudos e pesquisas, como os iniciados na UFPE, e inclua no seu planejamento estratégico o cenário de elevação do nível do mar. Isso implica em monitorar os pontos críticos da zona costeira pelo geoprocessamento. Estabelecer exigências de cota mínima para a infraestrutura e edificações em áreas futuramente vulneráveis. Preparar os projetos de proteção do Recife. Vez que pequenas barragens, muros de contenção e comportas em todos os canais são obras que serão necessárias para a defesa da cidade.

» Jaime Gusmão Filho é professor emérito da UFPE